Joel Antônio Ferreira
José Luiz Izidoro

Editorial

A *Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana* (RIBLA) está publicando o número 76. Essa Revista é publicada por autores latino-americanos e caribenhos que procuram dinamizar uma articulação continental (América Latina e Caribe) em torno da leitura bíblica a partir dos marginalizados. Quem escreve são representantes de redes de comunidades cristãs, membros de equipes de formação e animação, pesquisadores/as e autores de materiais de estudos e de difusão da leitura bíblica a partir dos excluídos e dos sujeitos socioculturais. Então, estabelecem-se intercâmbios com pesquisadores/as de muitas instituições de toda a América Latina, divulgando textos e promovendo discussões críticas.

Este número da RIBLA é todo dedicado à Epístola de Paulo Apóstolo aos Gálatas. Alguns chamam essa Epístola de a “carta da justificação pela fé”. Outros a denominam como a “carta da liberdade em Cristo”. Nós gostamos de chamá-la de a “Epístola da Abertura de Fronteiras”. De fato, lá no centro da Epístola tem um pequeno hino, cantado pelas comunidades originárias, na experiência do Batismo e que foi adotado por Paulo Apóstolo, que diz assim:

“Pois todos vós sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus. Pois quantos de vós fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem e mulher: pois todos vós sois UM só em Cristo Jesus” (Gl 3,26-28).

Esse hino batismal, parece, iluminou toda a Epístola e apresentou o dinamismo que a comunidade cristã da Galácia precisaria adotar diante das situações vitais onde ela atuava. Havia o problema racial, cultural, étnico, religioso, de gênero e social dentro dela. O hino orien-

tou para que não houvesse mais diferença entre judeu e grego. Em todo o império romano o modo de produção era escravagista. O hino veio afirmar que, a partir de Cristo Jesus, não havia mais a separação entre escravo e livre. A grande tensão era a forte mentalidade androcêntrica e patriarcalista. O hino frisou que não havia mais diferença entre homem e mulher. Quer dizer, a proposta do hino era que, a partir do anúncio e do projeto de Jesus Cristo, tudo deveria ser transformado: as perspectivas de vida precisariam ser buscadas nas aberturas fundamentais de qualquer etnia: abertura racial, étnico-cultural e religiosa, abertura social e abertura de gênero. O hino batismal é um primor para iluminar as pessoas do Caribe e América Latina para se superarem na busca da derrubada dos muros e dos sectarismos.

Paulo, ao conhecer e assumir esse hino jogou-se, por inteiro, na busca de grupos que lutassem por comunidades que superassem os fechamentos e os enclausuramentos que aniquilavam quaisquer experiências de vida.

O hino (Gl 3,26-28) foi a luz que Paulo encontrou diante de tantas adversidades. Ele havia, num primeiro momento, anunciado o Evangelho na Galácia. Surgiu ali uma comunidade dinâmica. Vieram, logo a seguir, membros judaizantes que, segundo o Apóstolo, falaram de um Evangelho baseado na Lei judaica (mosaica). Isso criou muita confusão na caminhada gálata. Alguns que se mantiveram firmes ao primeiro anúncio, mandaram notícias tristes a Paulo. Este ficou indignado e escreveu a atual missiva que, em alguns momentos, reflete o sentimento de decepção do Apóstolo.

A missiva, por várias vezes, focalizou o tema da “unidade em Cristo”. Paulo, diante dos conflitos gerados pelos judaizantes, contou como, antes da evangelização da Galácia, os primeiros cristãos tiveram muitas tensões que foram superadas graças a atenção ao olhar no Cristo Jesus e a sua adesão. Naquele momento, então, os gálatas deveriam, também, vencer as novas adversidades, sempre na fé, não na Lei, mas, no Evangelho.

A Epístola aos Gálatas é, de fato, um apontar para as aberturas ao universo dos gentios e, a partir daqui, será a grande busca do Apóstolo: o Evangelho precisava abrir-se e ir buscar os grupos étnicos, onde fosse possível, dentro do universo do patriarcalismo e do império escravagista. O anúncio tinha que ir além de sistemas estagnados e escravizadores. O cristianismo de Paulo foi a proclamação de que, algo que girasse em torno da liberdade (Gl 5,1.13) para todos/as precisaria ser buscado. É

por isso que a Epístola foi uma proposta da criação de comunidades livres e igualitárias que deveriam viver no Espírito vivo de Deus (Gl 5,13-25) para que se tornassem vivas. A missiva, ao apresentar tantas dificuldades, apontou, também, as esperanças de que, em Cristo Jesus, era possível dinamizar comunidades livres e abertas.

Vários autores, de diversos países, enriqueceram este número da RIBLA, ao trazerem temáticas desenvolvidas por Paulo nesta Epístola da abertura de fronteiras

José Luiz Izidoro, Professor no Instituto São Tomas de Aquino (ISTA – Belo Horizonte), Brasil, escreveu a “Introdução à Carta de Paulo aos Gálatas”. Ele procurou introduzir o leitor no universo de Paulo e da comunidade gálata dos anos cinquenta da nossa era, dentro do contexto judeu, helenístico e romano. Ali ele apresentou os diversos horizontes e anseios abertos pelo Apóstolo. A grande busca que os gálatas deveriam almejar era a “fé” no Cristo Jesus que deveria ser anunciada a todas as etnias. Os gálatas eram comunidades de fronteiras e, por isso, pela evangelização de Paulo, eram capazes de ter uma visão multiforme da realidade dentro daquele universo tão vasto de várias experiências religiosas, da civilização grega e do império romano.

O segundo artigo foi escrito por Aquiles Ernesto Martínez. Ele é venezuelano. Hoje é professor de Religião e Bíblia na Reinhardt University, Wakeska, Georgia (USA) e Presbítero Ordenado na Igreja Metodista Unida. Ele escreveu o artigo intitulado “Cristo vive em mim: ontologia Pasqual” SERIA PASCAL? (Gl 2,19-21). O autor mostra que, a partir da confissão pascal de Paulo em Cristo surge uma identidade e uma mística profunda que foram a resposta à vocação que o Apóstolo experimentou. Ele viveu no, com e por causa de Cristo. O que constituiu o eixo principal da adesão do Apóstolo ao Evangelho? O articulista diz que o cerne do Evangelho é a sua visão da morte e ressurreição de Jesus, o Cristo. Então, tudo se movia por essa adesão que levou Paulo a uma decisão radical por Jesus Cristo. Ele se via a si mesmo fazendo uma profunda revisão de vida, olhando os seus valores, ideais e metas e, por isso, conseguia jogar-se inteiramente no universo do Ressuscitado, podendo viver o ato de fé: “É Cristo quem vive em mim”.

O terceiro texto foi escrito por Isidoro Mazzarolo, da PUC-Rio de Janeiro, Brasil. Ele desenvolveu o tema “A vocação de Paulo” (Gl 1,11-2,10). Para o autor, não se deve procurar entender a questão da vocação do Apóstolo a partir da racionalidade humana, porque ela é um fenômeno que vai além das regras da razão. É preciso tentar entender a

vocação de Paulo na ótica do Deus que se envolve e age extraordinariamente no ser humano. Paulo descreve sua história pessoal e a radicalidade de sua mudança para que os leitores gálatas (e nós hoje também) compreendam que a sua vocação foi um chamado divino. De membro ativo do judaísmo, de perseguidor dos cristãos, ele se transformou no missionário da justiça e da liberdade. Ele foi o mensageiro do amor. A vocação de Paulo levou-o a ser o arauto da vida, porque compreendeu que o Deus anunciado por Jesus Cristo era o Deus da vida. Por isso, Paulo fez a sua adesão absoluta a este Deus vivo.

No quarto artigo, Waldecir Gonzaga, da PUC do Rio de Janeiro, Brasil, escreveu sobre “O Evangelho da Ternura e a Solidariedade de Gl 4,8-20”. Esta temática é muito importante porque alguns acham que Paulo, na Epístola aos Gálatas, foi muito duro com os cristãos da Galácia e, também, muito severo nas alusões aos judaizantes (missionários judeu-cristãos). Esta perícope de Gl 4,8-20 mostra, na 2ª parte da Epístola, um Paulo profundamente humano, sensível, carinhoso e cheio de ternura. Vê-se que, enquanto ele foi tão enérgico contra aqueles que compreendiam de forma diferente o projeto de Deus, ao mesmo tempo, ele se mostrou, profundamente, “coração” com aqueles que ele amava tanto. Então, o articulista, buscando fundamentar-se acuradamente em diversos especialistas em Gálatas, foi, ao mesmo tempo, mostrando a faceta do Apóstolo que desenvolveu o valor da amizade junto aos seus irmãos gálatas.

No quinto texto, o peruano José Luiz Verdi Sulca escreveu “Uma prática da liberdade frente ao caráter escravizante da fé” partindo de Gl 5,1-6. O autor vê que a liberdade é um tema fundamental na Epístola. Afinal, já em Gl 5,1 Paulo disse que é “para a liberdade que Cristo no chamou”. Há um confronto. De um lado, a liberdade da vida no Espírito. De outro, a escravidão da lei. Essa dialética foi aprofundada em quatro partes, mostrando, no final, a decisão clara e o chamado para a liberdade que o Apóstolo anuncia aos gálatas.

No sexto artigo, Joel Antônio Ferreira, da PUC de Goiás, Brasil, elaborou o texto sobre “A Abertura de Fronteiras, a Unidade do Evangelho”. Para o autor, Gl 3,26-28 era um hino batismal cantado pelas comunidades anteriores a Paulo. Ele conheceu o hino e o colocou como projeto nos anúncios aos gálatas e, depois, aos coríntios e romanos, sempre partindo do “lugar social” dos grupos étnicos, escravos e mulheres. Em Gálatas, todos os temas fortes da Epístola têm seus ecos vindos do Hino e, por isso, ele anunciou a abertura de fronteiras nas perspectivas culturais e étnicas (judeu/grego), sociais (livres/escravos) e de gênero

(homem/mulher). Essa abertura era possível, porque as comunidades contavam com o Cristo Jesus. Paulo frisou no Hino que a efetivação desse projeto seria possível na vivência da unidade (*heis*) na *ekklesía*.

Marcelo da Silva Carneiro, de São Paulo e Lília Dias Marianno, do Rio de Janeiro, ambos do Brasil, escreveram o sétimo artigo intitulado “Desconstruindo uma Alegoria: Gálatas 4,21-32” onde refletem em torno da criação literária de Paulo sobre o filho da escrava Agar (Lei) e o filho da livre (Graça). Os autores apontam o equívoco hermenêutico do Apóstolo, ao procurar desconstruir a alegoria e a interpretação de Paulo, pela análise crítica do discurso da perícopes e, então, propõem soluções para o equívoco. Procuram juntar “os cacos da metáfora”, para entenderem melhor onde Paulo queria chegar. Mostram que Paulo foi incongruente ao analisar as relações entre a história do Gênesis, o Cântico de Isaías e a alegoria de Gálatas. Para eles, Paulo errou em suas interpretações. Mostram que o texto bíblico está sempre aberto a novas interpretações e leituras, conforme as novas situações que são vividas.

Glória Inés Gamboa Fajardo, da Uniclaretiana e Unicatólica de Cali, Colômbia, escreveu o oitavo texto: “As ligações da História” (Gl 2,9-10), partindo do “lugar social” dos pobres, dos débeis e dos caídos. Diante de tantos desafios para a capacidade de “serviço” dos profetas, de Jesus, do discipulado, encontra-se a mentalidade de Paulo, que escutou e colocou em prática, a orientação do “encontro de Jerusalém”: Não se esqueçam dos pobres! (*anawin*).

O nono artigo foi escrito pelo argentino Nestor Míguez, do ISEDET de Buenos Aires. O título é “Conflito e Liberdade (Gl 2,11-14) e as lutas intra-eclesiásticas”. O autor parte do relato feito por Paulo a respeito da tensão acontecida em Antioquia, envolvendo Pedro, Barnabé, Paulo, os enviados de Tiago e a comunidade. Olha, também, o lugar retórico e aprofunda os componentes narrativos e atuacionais, para ligá-los com os temas mais importantes da Carta aos Gálatas. Com isso, é possível perceber as várias concepções eclesiológicas que levaram aos conflitos internos e externos e que se explicitavam nas comunidades gálatas.

O décimo texto foi elaborado pelo peruano Abiud Fonseca, que trabalha em Quito, no Seminário Sudamericano (SEMISUD). O título é “Paulo e os esboços de uma Soteriologia que humaniza” (Gl 3,19-25), onde trabalhou a “justificação pela fé” apresentando o seu conteúdo humanizante. Ao contrário do previsto, o autor foi demonstrando que a “função da lei”, era bem conhecida pela comunidade gálata, em virtude da pregação dos judaizantes. Paulo, nesta perícopes (Gl 3,19-25),

mostrou que a Lei é transitória e não dá a vida. O autor do artigo, caminhando pela análise retórica, olhando o discurso jurídico e aprofundando o contexto histórico, foi sistematizando a soteriologia de Paulo: ela provém da justificação pela fé que humaniza o ser humano, integralmente, no corpo, na casa e na *ekklesía*.

Por fim, o décimo primeiro artigo se intitulou: “O Anúncio de Jesus Crucificado (Gl 6,11-18)”. Ele foi escrito pelo brasileiro Marco Aurélio de Brito da FATEJ/FADISA de Santo André, Brasil. O artigo mostra que Paulo reforça e enfatiza a fé na cruz de Cristo. O anúncio de Jesus Crucificado e a perseguição, por causa da cruz, estão bem próximos. Paulo foi perseguido por anunciar o Jesus da cruz. É compreendendo a riqueza dessa teologia que as comunidades se tornarão mais firmes e corajosas.

No final deste número, após os artigos, apresentamos a Resenha de Denilson da Silva Matos da Faculdade de Tecnologia Jardim (FATEJ), Santo André, Brasil. Ele nos apresenta “A religião dos primeiros cristãos: uma teoria do cristianismo primitivo” de Gerd Theissen, publicado pelas Paulinas.

Esperamos que o público alvo da RIBLA, os que trabalham na interpretação e transmissão da Bíblia no contexto social da América Latina e do Caribe, ou seja, os professores, os exegetas, os estudantes de teologia, os presbíteros (padres) e pastores possam usufruir dos textos aqui elaborados para enriquecer as suas pesquisas e ampliar o conhecimento da Epístola de Paulo Apóstolo aos Gálatas. Que o público que for ler este número seja favorecido pelo elo de interligação da diversidade caribenha e latinoamericana e ajude, no futuro, a enriquecer mais, em nível ecumênico e cultural as experiências cristãs que têm sua base na Bíblia e, particularmente, no livro de Paulo aos Gálatas.

Boas leituras!